



REVISTA DE HISTÓRIA

TEMA: SOCIEDADE E CULTURA INDÍGENA

**A Política Para Povos
Indígenas de Tiriýós em Óbidos
(Gestão D. Martinho)**



ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO PROF. MAURÍCIO HAMOY

DIRETOR: DANIEL MENEZES BENTES

VICE-DIRETORA PEDAGÓGICO: MARIA GRACILDA DE A. SILVA BERNARDO

PROFESSOR: MARCIO RUBENS DA SILVA GOMES

COMPONENTE CURRICULAR: HISTÓRIA GERAL

TURMA: 204 Manhã / 2025



**A Política Para Povos
Indígenas de Tiriýós em Óbidos
(Gestão D. Martinho)**

Editorial

Ao olharmos para a história de Óbidos e suas relações com os povos indígenas em especial os Tiriýós, percebemos o quanto a convivência entre culturas distintas pode transformar vidas e comunidades inteiras. Diante disso, cabe ressaltar as suas peculiaridades (medicina tradicional; culinária rica; expressões artísticas vibrantes, organização social comunitário etc.) que representam um saber valoroso, cujo conhecimento fundamental para permear ensinamentos à sociedade.

Acerca disso, há o depoimento emocionante da Dona Renilda Maria Fonseca de Souza que, décadas de missão junto aos Tiriýós, ela não apenas presenciou a vida cotidiana desses povos, mas também compartilhou dela, aprendendo costumes, enfrentando desafios e construindo laços que ainda hoje permanecem em sua memória como uma segunda família. Sua experiência revela que o verdadeiro contato intercultural vai além da simples presença: exige respeito, paciência, dedicação e sobretudo, afeto.

Em Óbidos, especialmente na Gestão do Dom Martinho, a igreja e os missionários tiveram papel importante no apoio, e na aproximação com os povos indígenas, provendo trocas culturais e fortalecendo vínculos.

Apesar das mudanças ao longo do tempo e da redução de apoio, a memória dessa convivência permanece como herança de respeito solidariedade e fé. Portanto editorial convida a refletir sobre a importância de valorizar e preservar a diversidade cultural e a história dos povos indígenas na Amazônia.

Prof.^a. Josebeth Lima Barbosa Galate
*Curso de letras com licenciatura
Plena em Língua Portuguesa e
especialista em metodologia em
língua Portuguesa e literatura.*

A POLÍTICA PARA OS POVOS INDÍGENAS DE TIRIYÓS EM ÓBIDOS - GESTÃO D. MARTINHO

A cidade de Óbidos, localizada às margens do rio Amazonas, tem uma história marcada pela diversidade cultural e pelo encontro entre diferentes sociedades principalmente na fronteira com o Suriname, onde os indígenas de Tiryós tiveram uma relação especial com este município, fortalecida especialmente durante a gestão do bispo Dom Martinho. Para compreender melhor como era essa ligação, ouvimos o depoimento de dona Renilda Maria Fonseca de Souza, moradora de Óbidos que acompanhou de perto esses encontros. Ela lembra com carinho das visitas dos Tiryós a Óbidos. Para ela, cada encontro era um momento de partilha, de troca de culturas e de fortalecimento de fé. Seu depoimento revela como essa relação se construiu ao longo dos anos.



Diante disso, ela falou que quando começou a relação do Bispo Dom Floriano com os indígenas Tiryós, ele juntou os Kaxuyanos aos Tiryós. Os povos indígenas Kaxuyanos - cujo nome significa “gente do Rio Cachorro” (Kaxuru) - são

um povo indígena que vive historicamente na região do médio rio Trombetas, os Kaxuyanos pertencem à família linguística Karib e ainda é falada pelo grupo. Porém os Kaxuyanos estavam morrendo, e havia poucos na aldeia.

Eles pediram ao bispo para levá-los para junto dos Tiryós e foi aí que juntaram as tribos. A língua Kaxuyana passou por um período de desvalorização, pois precisavam aprender a falar com os Tiryós na língua deles. Assim, a língua crianças Kaxuyanas cresceram sendo alfabetizada em Tiryó e falando predominantemente este idioma.

Contudo, Dona Renilda que é a pessoa que entrevistamos, começou a trabalhar na missão em 1990, pois as freiras que estavam lá saíram, e ela, que já conhecia o trabalho com os padres em Óbidos, foi convidada.

Inicialmente, ela foi para passar dois meses, mas acabou ficando nessa atividade por 23 anos.

ENTREVISTA COM RENILDA DE SOUZA



Equipe da Revista: Como era a convivência com os Tiriýós?

Renilda de Souza: Os tiriýós eram considerados “bravos”, para trabalhar com eles é preciso ter “pé firme no chão”, pois nem tudo eles aceitam, eu gostei muito da experiência e trabalhei intensamente com eles.

Equipe da Revista: Foi muito difícil aprender a língua Tiriýó?



Renilda de Souza: foi muito difícil aprender a língua Tiriýó levou muito tempo para mim aprender algumas palavras. No entanto, uma professora chamada Osiri aprendeu a língua deles rapidamente, como se já vivesse lá.

Equipe da Revista: O Bispo dom Martinho

visitava muito os povos indígenas. A senhora pode nos contar como eram essas visitas?

Renilda de Souza: O acesso à missão Tiryó, era feito apenas de avião, devido à distância. No início da missão, a FAB (Força Aérea Brasileira) fazia vôos a cada 15 dias, levando mantimentos comprados pelos padres em Óbidos. Posteriormente, cortaram esses voos, e os indígenas e os missionários precisavam ir a Santarém ou Belém para pegar voos diretos para a missão, eu antes ia a Óbidos a cada 15 dias para compras, mas, passei a ir apenas de dezembro a dezembro para passar as festas em casa.

Equipe da Revista: Alguns indígenas Tiryós vinham até Óbidos? Como a cidade recebia esse povo?

Renilda de Souza: Os indígenas Tiryós visitavam Óbidos, principalmente quando estavam doentes, iam diretamente para o convento e eram tratados na clínica do Dr. Manuel, que tinha parceria com os Padres, e os indígenas eram bem recebidos na cidade.

Equipe da Revista: Havia trocas culturais, como artesanato, alimentos ou celebrações, entre os Tiryós e os moradores de Óbidos?

Renilda de Souza: Havia troca de culturas, como artesanato para ser vendido em



Óbidos, na época em que a FAB ainda fazia os voos. O dinheiro arrecadado era enviado de volta para eles, que tinham uma associação para dividir os valores entre os artesãos, identificando quem havia feito cada peça.

Equipe da Revista: Na visão da senhora, qual foi a importância de Dom Martinho para fortalecer a ligação entre Óbidos e os povos Tiryós?

Renilda de Souza: Dom Martinho dava muito apoio aos Tiryós, visitando-os e participando de festas sempre que possível, apesar de suas obrigações.

Equipe da Revista: O que mudou na vida dos Tiriyós depois da aproximação entre a igreja e com a cidade?

Renilda de Souza: Os Tiriyós do Suriname sempre foram evangélicos, mas os Tiriyós e Kaxuyanós eram mais católicos. As missas eram celebradas aos domingos, pela manhã.

Equipe da Revista: A senhora acha que Óbidos ainda mantém essa relação próxima com os povos indígenas de Tiriyós?

Renilda de Souza: Acredito que Óbidos não mantém uma relação próxima com os povos indígenas. Antigamente, a prefeitura de Óbidos (à qual Tiriyó pertence) fornecia ajuda como alimentos materiais escolares, mas isso acabou há muitos anos. A missão Tiriyó era quem pagava os professores e enfermeiros. Atualmente, o governo do Amapá (para onde a região foi transferida) oferece auxílios como Bolsa Família, Auxílio Maternidade e



INSS para os idosos.

Equipe da Revista: Houve alguma melhoria nas condições de vida dos Tiriyós?

Renilda de Souza: Houve melhorias nas condições de vida dos Tiriyós, eles deixaram de construir casas de palha, o que reduziu drasticamente a malária, pois as palhas favoreciam os focos de mosquitos, eu nunca contraí malária, mesmo pescando à beira do rio.

Equipe da Revista: Qual é a lembrança mais marcante que a senhora tem do contato com os Tiriyós?

Renilda de Souza: A minha convivência com eles foi a lembrança mais marcante. Eles são “muito legais”, eu considero eles uma segunda família. Eu sinto muita falta deles depois que eu saí após 23 anos.

Equipe da Revista: Quais eram os frades e padres que atuavam na missão?

Renilda de Souza: Frei Faço, Frei Cirilo e Frei Gervásio (os três alemães), Frei PAN (de Canindé), Frei José (da Alemanha) e Frei Bento, e Também Dom Bernardo.

Equipe da Revista: Quais era as Línguas que eles falavam?

Renilda de Souza: Os Tiriyo falavam: Chuiana, Chiquiana e alguns falavam um pouco de inglês. Como por exemplo: Pakoro; que quer dizer casa, kanawa: que quer dizer canoa, piyana; que quer dizer gavião; mahtipi: que quer dizer lenha.

Equipe da Revista: Como era a cultura dos povos indígenas Tiriyo?

Renilda de Souza: A cultura Tiriyo, incluía dança e bebidas, eu participava das danças. A **dança da onça**, que representa um jovem caçador e a criatura que ele derrotou, e o Arupe, realizado para homenagear e reviver os espíritos dos mortos, reunindo todos os membros da comunidade. A sakura é uma bebida feita de mandioca, sem açúcar, que eles deixavam fermentar até ficar como uma cachaça.

Equipe da Revista: Havia pajés na aldeia?

Renilda de Souza: Havia pajés na aldeia, como o pai da minha comadre Rosa e Ionare, de outras aldeias. Eles eram considerados bons pajés, mas podiam fazer tanto o bem quanto o mal, eles me chamavam de “mãe”.

Equipe da Revista: Quais eram os costumes deles?



Renilda de Souza: Os castigos e costumes de casamento, em festas de dezembro/Natal, os homens que traíam suas esposas eram colocados em um tronco pelo chefe, repreendidos e recebiam “ripadas” (chibatadas). Eu não gostava dessa parte. Também vi pessoas que “vasculhavam a tribo” serem

presas em espécie de grade. Sobre o casamento, quando uma moça estava no tempo de casar, os homens escoliam o marido. Houve um caso de uma moça que fugiu para o mato para não se casar. Eles faziam pinturas com o murici do chão para as festas, mas o mais comum era o uso do jenipapo do mato.

A trajetória de Dona Renilda junto aos povos Tiriýós demonstra não apenas a riqueza cultural e os desafios da convivência com as comunidades indígenas, mas também a importância do respeito, da dedicação e do diálogo entre diferentes realidades.

Sua experiência revela como a missão, a igreja e a presença de lideranças, como Dom Martinho, foram fundamentais para a aproximação e o apoio a esses povos em momento de transformação social e cultural.

Apesar das mudanças ao longo dos anos, como a diminuição da assistência governamentais e missionária, permanecem vivas as lembranças de solidariedade, aprendizado e afeto que marcam sua história e representa um testemunho do valor da convivência intercultural, da necessidade de preservar as tradições indígenas e da construção de pontes de respeito e amizade entre diferentes sociedades, culturas e modos de vida.

FIM

INFORMAÇÕES TÉCNICAS

DIAGRAMAÇÃO

MARCIO RUBENS DA SILVA GOMES

ENREDO

MARIA PAULA SIQUEIRA CERDEIRA

CORREÇÃO

PROF^a. JOSEBETH LIMA BARBOSA GALATE

Curso de letras com licenciatura
Plena em Língua Portuguesa e
especialista em metodologia em
língua Portuguesa e literatura.

EDITORIAL

PROF^a. JOSEBETH LIMA BARBOSA GALATE

Curso de letras com licenciatura
Plena em Língua Portuguesa e
especialista em metodologia em
língua Portuguesa e literatura.

EQUIPE DA ENTREVISTA

Maria Paula Siqueira Cerdeira
Juliana Calvacante da Conceição
Ozana Hilkiiman da Silva Alves
Mateus Henrique Brelaz Correia

ENTREVISTADA

Renilda Maria Fonseca de Souza

IMAGENS

Ozana Hilkiiman da Silva Alves

ALUNOS COLABORADORES

Angelina Pedroso dos Santos
Arthur Correa Sousa
Camilly Rodrigues da Silva
Clara Amanda de Sousa Moraes
Carlos Alexandre Aquino da Silva
Gabriel Figueira da Cruz
Glenda de Almeida Pereira
Joiane Lopes Abreu
Juliane Alves de Oliveira
Julyana Calvacante da Conceição
Julio Albert Marques Lopes
Laureilson Conceição da Silva
Maria Eduarda de Melo Braz
Maria Paula Siqueira Cerdeira
Mateus Nunes dos Santos
Matheus Henrique Brelaz Correia
Marlen Rafael Marinho dos Santos
Natanael da Costa Rodrigues
Ozana Hilkiman da Silva Alves
Patrick Castro Lopes
Raniele Ribeiro Ramos
Rondinele Sena de Andrade
Tainara Almeida da Silva
Tamires Vasconcelos Coelho
Thiago Mousinho dos Santos
Tiago da Silva Vasconcelos